

Revista

FAMECOS
mídia, cultura e tecnologia

Cinema

Os estudos de cinema no Rio Grande do Sul: trajetórias e desafios¹

Film Studies in Rio Grande do Sul: trajectories and challenges

Cássio dos Santos Tomaim

Professor nos Programas de Pós-Graduação em Comunicação Midiática e em História da UFSM/RS/BR. tomaim78@gmail.com

RESUMO

Apresenta um panorama dos estudos de cinema desenvolvidos nos Programas de Pós-Graduação do Rio Grande do Sul, das áreas da Comunicação e da História, assim como as trajetórias de seus principais pesquisadores. Nota-se que os estudos de cinema no Estado são devedores do pioneirismo de pesquisadores gaúchos que buscaram formação na ECA/USP na década de 1990, retornando depois para auxiliarem no amadurecimento das pesquisas no Estado, sendo que somente em 2003 é que os estudos de cinema começam a ganhar corpo no Rio Grande do Sul.

PALAVRAS-CHAVE: estudos de cinema; pós-graduação; Rio Grande do Sul

ABSTRACT

Presents an overview of cinema studies undertaken in the Postgraduate Programs in Rio Grande do Sul, from areas of Communication and History, as well as the trajectories of its leading researchers. Note that the cinema studies in the State are debtors of pioneering *gauchos* researchers who sought instruction in ECA/USP in the 1990s, returning later to assist in the ripen of researches in the State, and only in 2003 that the cinema studies begin to take shape in Rio Grande do Sul.

KEYWORDS: cinema studies; postgraduate; Rio Grande do Sul

Ao procurarmos conhecer o campo dos estudos de cinema no Estado do Rio Grande do Sul procedeu-se uma consulta ao Banco de Teses da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), do Ministério da Educação, que disponibiliza *on-line* os resumos de dissertações e teses brasileiras defendidas a partir de 1987. Foram utilizados três termos “cinema”, “filme” e “documentário”, cruzados com as instituições de ensino superior que mantém Programas de Pós-Graduação (PPG) no Estado. A busca resultou em um número de 108 pesquisas produzidas de 1987 a 2008 e originárias das seguintes universidades: UFRGS (46), UNISINOS (13), PUCRS (38), UCS (02), UPF (02), UFSM (02), UFPel (03) e ULBRA (02). Destas mais de 100 pesquisas, 70% são dissertações de Mestrado e 30% teses de Doutorado.

Diante dos dados, constatou-se que na área da Comunicação Social concentra-se a maioria das pesquisas em cinema no Estado (39; 37%), o que não chega a ser uma novidade já que os Cursos de Cinema sempre foram uma das habilitações das Faculdades de Comunicação Social. No entanto, é preciso que se diga que outras duas áreas também têm demonstrado um maior interesse no cinema em relação às demais: a Linguística/Letras (23; 21%) e a Educação (17; 16%). Um aspecto que acreditamos merecer um estudo a parte do que iremos desenvolver neste artigo.

Para este trabalho iremos dedicar maior atenção aos dados que se referem aos PPGs em Comunicação, por ser tradicionalmente a área em que se desenvolveram os estudos de cinema, assim como aos da História por compreender que se trata de uma área que tem demonstrado um interesse pelo cinema, mesmo que ainda embrionário, dando contribuições tanto para o campo historiográfico do cinema quanto para uma melhor compreensão deste como agente histórico, no que diz respeito aos seus aspectos políticos. Vale pontuar que o historiador francês Marco Ferro foi o pioneiro a introduzir o cinema nos estudos de História nos anos de 1970, lançando os pressupostos de um campo teórico-metodológico que viria a ser conhecido como Cinema-História. Somente 20 anos depois os historiadores brasileiros começam um tímido diálogo com a sétima arte, reconhecendo as potencialidades deste veículo de comunicação para a representação do passado e, mais adiante, para o próprio ensino da História. Interessa-nos mapear o lugar que o cinema ocupa nas pesquisas dos PPGs de História do Rio Grande do Sul, principalmente por saber que na historiografia clássica do cinema brasileiro as produções deste Estado quase não figuram, sendo geralmente alocadas como parte de pequenos ciclos regionais esporádicos. Uma ironia se levarmos em consideração que o Rio Grande do Sul desde a década de 1970 é o terceiro

maior Estado produtor de filmes de longa-metragem no Brasil, perdendo apenas para Rio de Janeiro e São Paulo (Silva Neto, 2009, p. 1151).

Os pioneiros

Em 1895, quando do surgimento do cinematógrafo, acreditavam os irmãos Lumière que o invento seria mais um dispositivo para a produção do conhecimento científico, assim como o microscópio. No entanto, foi George Méliès que descobriu o aspecto mágico, espetacular daquela máquina de “fazer imagens”. Deste então o invento foi conquistando as plateias do mundo e ao cair no gosto popular já não podia mais “fazer ciência”, estava destinado ao “fazer entretenimento”, tanto que mais tarde seria o carro-chefe das indústrias culturais de diversos países.

Lançado à categoria de produto cultural, o cinema foi sendo deixado de lado pelos intelectuais, pela academia e, em contrapartida, conquistando as “mentes e almas” de espectadores por todo o mundo, o que fez com que o cinema demorasse a frequentar os bancos universitários. Foram mais de 60 anos para que o cinema fosse aprovado como disciplina no ensino superior francês. Antes só era teorizado ou merecedor de uma crítica séria por cinéfilos ou pelos seus próprios realizadores, como é o caso das valiosas contribuições do cineasta russo Sergei Eisenstein e do crítico francês André Bazin, que encontraram um maior respaldo em cinematecas, museus, cineclubes e na imprensa do que nas universidades. É o caso da revista *Cahiers du Cinéma*, criada por Bazin, que influenciou uma geração de cineastas, intelectuais e críticos de cinema na Europa e na América nos anos de 1960/70. No caso da França, foi Jean Mitry o primeiro professor de cinema reconhecido na Universidade de Paris, e que mais tarde veio lecionar no Canadá e nos Estados Unidos. Um dos fundadores da Cinemateca Francesa, em 1938, Mitry escreveu um enorme tratado, em dois volumes, intitulado *Esthétique et psychologie du cinéma* (1963-1965), que foi considerado um divisor de águas por conseguir sistematizar mais de 50 anos da teoria cinematográfica. Quem o sucedeu na academia foi Christian Metz, “o mais influente produto da crescente atenção dada pela universidade ao cinema” (Andrew, 1989, p. 183), que a partir da Linguística de inspiração Saussureana desenvolveu uma semiologia do cinema. Metz escreveu em 1971 a tese *Language et cinéma* que lhe rendeu o doutoramento. Seus estudos foram responsáveis pela estruturação de uma ciência do cinema e pelo desenvolvimento de uma metodologia de análise de filmes.

Esta introdução mesmo que tardia dos estudos de cinema na universidade, para ficarmos apenas em seus precursores, foi importante para fundar um novo campo acadêmico, estimulando a criação de Escolas de Cinema que proliferaram ao longo das décadas de 1960/70 em vários países, inclusive no Brasil. O pioneiro a introduzir o cinema na universidade brasileira foi Paulo Emílio Salles Gomes (1916-1977), que nos anos de 1960 já era um dos principais nomes da crítica cinematográfica brasileira. Em 1956, depois de 10 anos vivendo na Europa, sobretudo na França, Paulo Emílio retornou ao Brasil e fundou a Cinemateca Brasileira, juntamente com Francisco Luiz de Almeida Salles e Antonio Cândido de Mello e Souza², seus amigos de cineclubismo. A inspiração era a Cinemateca Francesa que tanto lhe encantou. No entender de Paulo Emílio, a criação da cinemateca e de uma memória do nosso cinema era imprescindível para o desenvolvimento dos estudos de cinema no país.

Militante do ensino do cinema desde que retornou ao Brasil, Paulo Emílio foi convidado por Darcy Ribeiro para organizar um dos primeiros cursos superiores de cinema no país, criado no Instituto Central de Artes da Universidade Nacional de Brasília (hoje, Universidade de Brasília), UnB, em 1964³. Participaram também desta iniciativa os cineastas Nelson Pereira dos Santos e Maurice Capovila, o roteirista e crítico de cinema Jean-Claude Bernardet e sua esposa Lucila Ribeiro Bernardet, entre outros. Porém, a experiência do curso de cinema durou apenas um ano; com o golpe militar de 1964, começou o “caça às bruxas” nas universidades e o governo decidiu fechar a UnB.

Mas a experiência iria dar continuidade longe de Brasília, outros dois novos cursos de cinema seriam criados no país. Nelson Pereira dos Santos retornou ao Rio de Janeiro e ajudou na instalação do Instituto de Artes e Comunicação (mais tarde IACS), sede em 1968 que abrigaria um curso de cinema na Universidade Federal Fluminense (UFF). Já Paulo Emílio Salles Gomes, de volta a São Paulo em 1966, foi convidado por Antonio Cândido a lecionar a disciplina de Teoria Literária na Faculdade de Letras da USP, mas o enfoque foi dedicado ao cinema brasileiro. Na USP, Paulo Emílio participou da fundação da Escola de Comunicações Culturais (mais tarde Escola de Comunicações e Artes – ECA), também em 1968, onde passou a lecionar Cinema Brasileiro e História do Cinema. Foi Paulo Emílio o primeiro a escrever uma tese sobre cinema no Brasil: *Cataguases e Cinearte na formação de Humberto Mauro* rendeu-lhe o título de Doutor em Filosofia na USP em 1972⁴.

Assim, uma nova geração de intelectuais e pesquisadores do cinema brasileiro começava a ser formada nos bancos universitários, dentre eles Maria Rita Galvão, com valiosas contribuições para

a compreensão histórica do cinema paulista com seus trabalhos *Crônica do cinema paulista* (1969) e *Companhia cinematográfica Vera Cruz: a fábrica de sonhos, um estudo sobre a produção cinematográfica industrial paulista* (1976); e Ismail Norberto Xavier com *Procura da essência do cinema: o caminho da avant-garde e as iniciações brasileiras* (1975) e *Narração contraditória: uma análise do estilo de Glauber Rocha, 1962-64* (1980), que depois vai se destacar como um dos principais especialistas na obra glauberiana. Tanto os trabalhos de Galvão quanto de Xavier são dissertações e teses defendidas na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.⁵ Foram os departamentos de Letras e Filosofia os responsáveis pelas primeiras teses em cinema no Brasil, lembrando que o primeiro Programa de Doutorado em Comunicação e Artes começou suas atividades em agosto de 1980 na ECA/USP⁶.

Diante disto, o que aconteceu com as pesquisas em cinema na universidade brasileira a partir dos anos de 1980 e, principalmente, no final da década de 1990 quando começou a proliferação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação Social pelo país? Procurando dar algumas respostas a esta questão, este artigo visa identificar o percurso dos estudos de cinema no Rio Grande do Sul e seus principais pesquisadores.

“É preciso buscar fora” – o pioneirismo dos pesquisadores gaúchos

Até a primeira metade da década de 1990 havia uma carência de Programas de Pós-Graduação em Comunicação na região Sul do país, o que levou os pesquisadores gaúchos interessados nos estudos de cinema a buscarem formação fora da sua região e do seu Estado, em uma instituição que já havia criado uma tradição de pesquisa na área, a Escola de Comunicação e Artes (ECA), da Universidade de São Paulo (USP).

Mas o pioneirismo destes pesquisadores não se limitou a ultrapassar as fronteiras do Estado, foram eles os responsáveis por introduzir o cinema do Rio Grande do Sul nos estudos de cinema. Um interesse da academia que veio tardio, mas necessário. Em 1990, a pesquisadora gaúcha Flávia Seligman escreveu e defendeu a dissertação *Verdes Anos do Cinema Gaúcho: o ciclo super-8 em Porto Alegre*, no Mestrado em Artes/Cinema na ECA/USP. Foi o primeiro trabalho acadêmico a contribuir para a compreensão de uma das principais fases da produção de cinema no Rio Grande do Sul, quando a inventividade e a ousadia de jovens realizadores subverteram o formato super-8 ao produzirem filmes de longa-metragem. Em 2000, ela continua desbravando temáticas pouco exploradas pela historiografia clássica do cinema brasileiro, apresentando a tese *O Brasil é*

feito pornô: o ciclo da pornochanchada no país dos governos militares, no Doutorado em Artes/Cinema da mesma instituição paulista. De 2006 a 2010 Seligman atuou como pesquisadora no PPG em Ciências da Comunicação da UNISINOS.

Assim como Seligman, João Carlos Massarolo também é um dos pioneiros a estudar o cinema gaúcho na universidade brasileira. Em 1991, apresenta sua dissertação de Mestrado em Artes/Cinema na ECA/USP intitulada *Um lugar ao Sul*, trabalho que envereda por investigar o papel dos filmes de curta-metragem, dos cinejornais e dos filmes de temáticas popular e tradicionalista na cinematografia produzida no Rio Grande do Sul, que nos anos de 1980 eram uma forma de expressão a procura de um espaço, como defendeu o autor. Desde 1992, João Carlos Massarolo é professor do Departamento de Artes e Comunicação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e em 1999 defendeu o Doutorado em Artes/Cinema na ECA/USP com sua tese sobre cinema e narrativas digitais.

Outros pesquisadores gaúchos irão cursar o Mestrado em Comunicação na ECA/USP nos anos de 1990, retornando depois para se doutorarem em um PPG no Rio Grande do Sul. É o que fez a professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRGS, Miriam de Souza Rossini. Jornalista e historiadora, cursou o Mestrado em Cinema na ECA/USP, entre 1989 e 1994. Escreveu a dissertação *Teixeirinha e o cinema gaúcho* – mais tarde publicada como livro pelo FUMPROARTE – uma das primeiras contribuições da academia, juntamente com o trabalho de Seligman, para a história do cinema do Rio Grande do Sul que, como veremos mais adiante, ainda apresenta inúmeras lacunas. Depois em 1999, a pesquisadora defendeu sua tese em História na UFRGS, com o título *As marcas do passado: o filme histórico como efeito de real*, uma nova abordagem do cinema como reconstituição da história. Para a autora, a partir da noção do efeito do real ou princípio de realidade (inerente a qualquer narrativa), o filme histórico deveria ser interpretado pelo historiador como aquele que oferece ao espectador representações verossímeis do passado. Representações que tem origem no tempo presente da produção cinematográfica. Ou seja, para Rossini, um filme diz mais sobre o tempo no qual foi produzido do que sobre o passado retratado. Mas outro trabalho será pioneiro em introduzir em meados de 1990 o debate sobre a relação Cinema-História nas pesquisas do Rio Grande do Sul. Foi a dissertação de Claudia Damiani Meyer defendida em 1993 no Mestrado em História da PUCRS, intitulada *Um estudo sobre a relação entre o cinema e a história* (1993), a primeira a reconhecer no Estado o lugar do cinema nos estudos de História. Porém, seu trabalho prioriza um olhar mais preocupado com o cinema enquanto

reprodução da realidade, ou seja, o filme histórico é analisado sob a perspectiva de falsidades ou verdades históricas, tendência analítica que será superada anos mais tarde pelos estudiosos de Cinema-História, inclusive pela tese apresentada por Rossini.

Em se tratando de História, e em especial da história do cinema produzido no Rio Grande do Sul, devemos destacar a contribuição do pesquisador gaúcho Glênio Nicola Póvoas que, assim como outros estudiosos de cinema da região, teve que buscar a sua formação primeiramente em outro Estado. Em 1999, defendeu o Mestrado em Ciências da Comunicação na ECA/USP, com a dissertação *História e análise do filme Vento Norte*, mais uma pesquisa que veio oferecer uma leitura sobre a cinematografia do Rio Grande do Sul. *Vento Norte*, dirigido por Salomão Scliar em 1951, foi o primeiro longa-metragem de ficção produzido no Estado, um marco para uma cinematografia caracterizada pelo curta-metragem. Outra contribuição do pesquisador viria mais tarde em 2005, com a primeira tese em cinema que tematizou e explorou toda uma produção de filmes do Rio Grande do Sul até aquele momento desconhecida. *Histórias do cinema gaúcho: propostas de indexação 1904-1954*, defendida por Póvoas no PPG em Comunicação Social da PUCRS, foi o primeiro trabalho a enfrentar o debate com a historiografia clássica do cinema brasileiro, que sempre renegou o cinema realizado no Rio Grande do Sul a pequenos ciclos regionais esporádicos. O pesquisador teve o trabalho de sistematizar mais de 500 títulos de filmes em 35 mm e 16 mm produzidos no Estado durante o período estudado. Pesquisa que veio preencher algumas lacunas da historiografia do cinema silencioso gaúcho. Atualmente, Póvoas é professor do Curso de Comunicação Social da PUCRS.

Assim como Seligman, Massarolo, Rossini e Póvoas, outra pesquisadora gaúcha foi estudar cinema na ECA/USP no mesmo período. De 1990 a 1995, Fatimarlei Lunardelli desenvolveu um estudo sobre o circo no cinema popular dos Trapalhões, para em 2002 defender a tese *Memória e identidade: a crítica de cinema na década de 1960 em Porto Alegre* no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da mesma instituição. Desde 2004 Lunardelli integra o corpo docente do curso de Realização Audiovisual da UNISINOS.

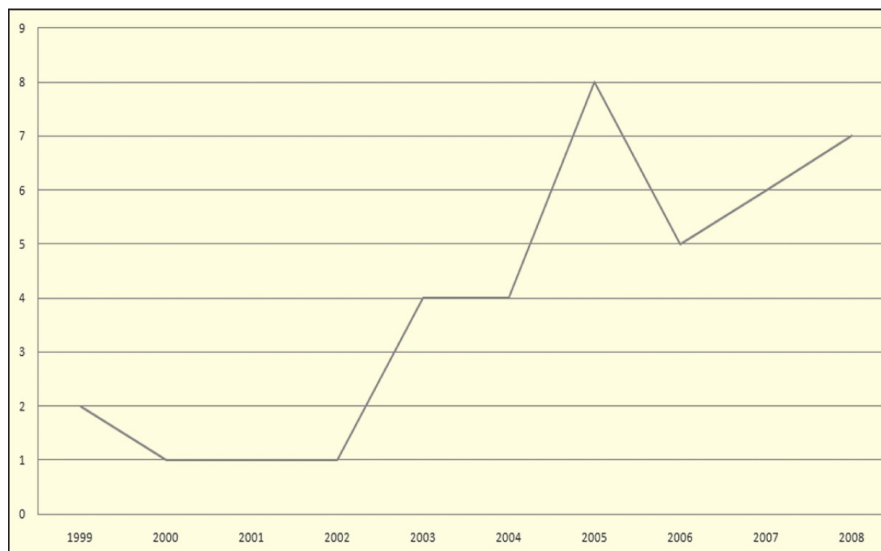
Como se pode notar, a maioria dos pesquisadores gaúchos que foram buscar formação em São Paulo, retornou ao seu Estado onde hoje ajudam a consolidar os estudos de cinema no Rio Grande do Sul. A partir da década de 2000, somam-se a estes esforços as contribuições de outros pesquisadores com origem nos PPGs em Comunicação do Estado, um bom sinal de amadurecimento do campo de estudo na região.

Os estudos de cinema no RS hoje

Em uma análise da produção acadêmica dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação Social do Brasil, a partir dos resumos das dissertações e teses defendidas entre 1992 e 1996, Cicilia Peruzzo (2002, p. 56-57) constatou que são os estudos de jornalismo (107; 14,2%) que predominam em um universo de 754 pesquisas, seguidos por trabalhos que dialogam com a interface comunicação e literatura (71; 9,4%). Os estudos de cinema (32; 4,2%) ocupam a oitava posição, sendo antecedidos por trabalhos sobre televisão (37; 4,9%), cultura (36; 4,8%), estética (36; 4,8%), publicidade e propaganda (33; 4,4%) e relações públicas e comunicação e cultura organizacional (33; 4,4%).

Porém, estes dados não se aplicam às produções acadêmicas dos PPGs em Comunicação do Rio Grande do Sul que começaram suas atividades em 1994 e 1995, na PUCRS, UNISINOS e UFRGS,⁷

Gráfico 1 – Estudos de Cinema – Teses e Dissertações defendidas PPGCOM RS



FONTE: Cadernos de Indicadores Capes.

sendo que as primeiras pesquisas foram defendidas somente em 1998. Ao realizarmos um balanço das produções destes Programas no Estado temos que das 667 teses e dissertações defendidas entre 1999 e 2008 6% são estudos de cinema, superando os indicadores nacionais apresentados por Peruzzo. O que pode ser explicado pelo fato de que 2002 é o ano em que a produção cinematográfica do Rio Grande do Sul cresceu em números e em qualidade técnica, conquistando assim um maior destaque no cenário cinematográfico nacional. O estímulo a esta produção veio principalmente das leis de incentivo à cultura, tanto federais quanto estaduais e municipais,⁸ além de outras duas medidas que beneficiaram o setor no Estado: a criação da FUNDACINE em

1998, instituição de natureza privada que tem como objetivo fortalecer o cinema gaúcho; e o Prêmio RGE/Governo do Estado.⁹ Coincidência ou não, é exatamente a partir de 2002, como podemos notar no Gráfico 1, retro, que os estudos em cinema nas universidades gaúchas apresentaram um crescimento, a ponto de termos em 2005 oito pesquisas defendidas com a temática nesta área. Um cenário favorável à produção cinematográfica no Estado teria estimulado os novos estudos.

No período de 1999 a 2008 temos um total de 39 estudos de cinema no Rio Grande do Sul, sendo 28 dissertações (Mestrado) e 11 teses (Doutorado). As primeiras pesquisas de Mestrado defendidas em 1999 foram: *Viva Glauber, viva Hollywood: por uma teoria do espectador cinematográfico*, de Fernando Soares Mascarello, sob a orientação de Eliana Pibernat Antonini na PUCRS; e *O modernismo reacionário pelas lentes de Leni Riefenstahl*, de Adriana Schryver Kurtz, sob a orientação de Christa Berger na UFRGS. Adriana Schryver Kurtz se doutorou em 2007, no mesmo Programa, com a tese *O destino da memória das vítimas da Shoah na cinematografia de um mundo administrado* e desde 2000 é professora da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM-RS). Já Fernando Soares Mascarello fez um percurso diferente, saindo do Rio Grande do Sul para se doutorar em 2004 na ECA/USP, com a tese *Os estudos culturais e a espectadorialidade cinematográfica: uma abordagem relativista*, sob a orientação de Eduardo Peñuela Cañizal. Depois retornou ao Estado para atuar como coordenador do curso de Realização Audiovisual da UNISINOS, recém-criado em 2003. Trajetórias que se assemelham a maioria dos pós-graduados dos PPGs em Comunicação aqui analisados. Atualmente 60% destes pesquisadores atuam no ensino superior. Outro ponto positivo é que a maioria destes pesquisadores deu continuidade a seus estudos de cinema; até 2010 dois haviam defendido teses e outros seis estavam com o Doutorado em andamento. Somente quatro de onze pós-graduados não mantiveram o vínculo com o Programa no qual desenvolveu a sua primeira pesquisa, indo cursar o doutoramento em outro PPG do Rio Grande do Sul ou de outro Estado, em instituições como UnB e ECA/USP.

Em 2003, foram defendidas as primeiras teses em cinema do Rio Grande do Sul. São elas: *Impactos das tecnologias na narrativa cinematográfica*, do cineasta e pesquisador Carlos Gerbase, sob a orientação de Juremir Machado da Silva; e *A discursividade no filme Hamlet: uma interpretação hermenêutica* de Paula Regina Puhl, sob a orientação de Roberto José Ramos. Ambos os trabalhos tiveram origem no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUCRS.

Sobre as trajetórias dos 11 autores que defenderam teses nos PPGs em Comunicação no Estado, oito atuam em instituições de ensino superior do Rio Grande do Sul e um em

outro Estado, Paraná, sendo que quatro deles são atualmente professores de Programas de Pós-Graduação. Indicadores de que os PPGs têm formado pesquisadores qualificados para a atuação no ensino superior e nos seus próprios quadros de docentes. Além de que a presença destes pesquisadores em PPGs significa a continuidade dos estudos de cinema no Estado.

É o caso de Carlos Gerbase e João Guilherme Barone Reis e Silva, ambos se doutoraram em Comunicação na PUCRS, onde hoje também atuam como pesquisadores. No caso de Reis e Silva, cursou primeiramente o Mestrado em Comunicação no exterior entre 1996 e 1998, na Universidad Internacional de Andalucía, Espanha, para em 2005 defender a tese *Comunicação e indústria audiovisual: cenários tecnológicos e institucionais do cinema brasileiro na década de 1990*, publicada quatro anos depois pela Editora Sulina.

A estes recentes esforços é preciso somar as contribuições da socióloga Cristiane Cristiane Freitas Gutfreind, que desde 2003 atua no PPG em Comunicação da PUCRS. Graduada pela PUC/RJ, Gutfreind cursou o seu Mestrado (1996) e o Doutorado (2001) em Sociologia na Université Paris-Descartes, UPD, França, sob a orientação de Michel Maffesoli, e atualmente investiga a representação da ditadura militar no Brasil através das narrativas fílmicas.

Até 2008, Cristiane Freitas Gutfreind, Carlos Gerbase e Miriam Rossini foram os professores que orientaram o maior número de pesquisas em cinema no Rio Grande do Sul, juntos somando um total de 13 trabalhos. Por outro lado, é preciso que se diga que outros 19 pesquisadores foram responsáveis por 26 estudos na área de cinema defendidos de 1999 a 2008 nos PPGs em Comunicação da UNISINOS, PUCRS e UFRGS. Indicativo de que muitos destes pesquisadores orientaram um ou dois estudos em cinema nos últimos nove anos, mesmo não sendo o cinema objeto principal de suas pesquisas, procurando atender uma demanda de jovens pesquisadores gaúchos interessados na sétima-arte; já outros professores optaram nos últimos anos a diversificarem o seu campo de investigação para o audiovisual, orientando trabalhos tanto de cinema quanto de televisão, vídeo-arte, e etc.

Ao que se refere a um objeto comum não foi possível identificá-lo nas mais de 30 pesquisas desenvolvidas nos Programas de Pós-Graduação em Comunicação do Rio Grande do Sul. Pelo contrário, há uma diversidade de objetos e de tratamentos metodológicos dado a estes. São trabalhos de Teoria e História do Cinema, produção e distribuição cinematográfica, impactos da tecnologia na narrativa cinematográfica, o cinema chileno e o cinema paraense, estudos de

documentário e etc. O que se pode afirmar é que predomina nestas pesquisas o método de Análise Fílmica, já que a maioria aborda um ou mais filmes como objeto.

Ao que se refere aos filmes produzidos no Rio Grande do Sul, somente quatro trabalhos na área de Comunicação os elegeram. São eles: *Sal de Prata* (Carlos Gerbase, 2005), *Deu Pra ti anos 70* (Nelson Nadotti e Giba Assis Brasil, 1981) – um filme marco da produção de longas-metragens em super-8 no Estado –, *Noite de São João* (2004) e *Anahy de Las Misiones* (1997), ambos de Sérgio Silva. Até 2008 *Anahy de Las Misiones* foi o filme gaúcho que mais provocou interesse entre os pesquisadores no Rio Grande do Sul, resultando em duas dissertações de Mestrado, ambas no PPG em Comunicação da PUCRS: *Dissonância no pampa – a saga de Anahy de las Misiones na representação cinematográfica da identidade gaúcha* de Vitor Manoel Necchi dos Santos Alves (2005); e *A Questão da autoria nos filmes de Sérgio Silva: diretor e equipe na construção da obra cinematográfica* de Liângela Carret Xavier (2006). O filme de Sérgio Silva também foi objeto de estudo da dissertação *Mãe Coragem de bombacha: desconstrução e afirmação da identidade cultural gaúcha no filme Anahy de las Misiones*, defendida em 2005 por Roger Luiz da Cunha Bundt no Mestrado em Letras e Cultura Regional da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Interesse que pode ser explicado devido ao apelo histórico e regional da temática explorada na película, a saga de uma mulher e seus filhos para sobreviver durante a Revolução Farroupilha.

Quadro 1 – Pesquisas no Brasil que tiveram o cinema gaúcho como objeto de estudo 1988-2008

Título	Autor(a)	Área	Instituição	Tipo	Ano
Verdes anos do cinema gaúcho: o ciclo super 8 em Porto Alegre	Flávia Seligman	Artes/Cinema	ECA/USP	(M)	1990
Um lugar ao Sul	João Carlos Massarolo	Artes/Cinema	ECA/USP	(M)	1991
Teixeirinha e o cinema gaúcho	Mirian Correa Souza	Artes/Cinema	ECA/USP	(M)	1994
História e análise do filme Vento Norte	Glênio Nicola Póvoas	Comunicação Social	ECA/USP	(M)	1999
A Ana Terra na literatura e no cinema	Valdnei M. Ferreira	Linguística/Letras	PUCRS	(M)	2000
Críticas ou possibilidades? Os múltiplos olhares da imprensa sobre o cinema em Porto Alegre	Fábio Augusto Steyer	História	PUCRS	(M)	2000

Quadro 1 (continuação)

Título	Autor(a)	Área	Instituição	Tipo	Ano
Cinema em Porto Alegre (1939-1942): a construção da supremacia	Nilo Andre P. Castro	História	PUCRS	(M)	2002
Memória e identidade: a crítica de cinema na década de 1960 em Porto Alegre	Fatimarlei Lunardelli	Comunicação Social	ECA/USP	(D)	2002
Ficções sobre o general Netto: história, literatura e cinema	Flávia A. Andrade	Linguística/Letras	PUCRS	(M)	2004
O cinema em Porto Alegre (1910-1914): uma força irresistível	Stefan C. Bonow	História	PUCRS	(M)	2005
Histórias do cinema gaúcho: propostas de indexação 1904-1954	Glênio Nicola Póvoas	Comunicação Social	PUCRS	(D)	2005
Dissonância no pampa – a saga de Anahy de las Misiones na representação cinematográfica da identidade gaúcha	Vitor Manoel N. S. Alves	Comunicação Social	PUCRS	(M)	2005
Mãe Coragem de bombacha: desconstrução e afirmação da identidade cultural gaúcha no filme Anahy de las Misiones	Roger Luiz Cunha Bundt	Linguística/Letras	UCS	(M)	2005
A questão da autoria nos filmes de Sérgio Silva: diretor e equipe na construção da obra cinematográfica	Liângela Carret Xavier	Comunicação Social	PUCRS	(M)	2006
A Casa de Cinema de Porto Alegre: o cinema geracional	Francine Z. Grazziotin	História	UPF	(M)	2006
A cultura regional no cinema do Rio Grande do Sul: filmografia de 1981 a 2001	Lislei do Carmo Carrilo	Comunicação Social	UMESP	(M)	2006
Dez mandamentos de Jorge Furtado: cartografias em três platôs	Flávia Garcia Guidotti	Comunicação Social	UNISINOS	(M)	2007
Deu Pra Ti, Anos 70 e A Festa Nunca Termina” (24 Hour Party People) – juventude, cultura e representação do social no cinema	Luciana F. Haussen	Comunicação Social	PUCRS	(M)	2008
O Imaginário de Porto Alegre revelado em Sal de Prata	Taciane Soares Corrêa	Comunicação Social	PUCRS	(M)	2008
Entre lanternas mágicas e cinematógrafos: as origens do espetáculo cinematográfico em Porto Alegre. 1861-1908.	Alice Dubina Trusz	História	UFRGS	(D)	2008

FONTE: Banco de Teses da Capes

Os pesquisadores ainda não descobriram o cinema do Estado do Rio Grande do Sul. Se levarmos em conta os trabalhos dos pioneiros, em 20 anos de produção acadêmica apenas 20 pesquisas elegeram o cinema gaúcho como objeto de estudo. Sendo que a partir da década de 2000 os trabalhos são originários exclusivamente das universidades gaúchas, o que nos remete a um regionalismo desta produção.

Os desafios para uma historiografia do cinema gaúcho

De 1987 a 2008, somente 9% das 108 pesquisas, entre dissertações e teses defendidas nos mais variados PPGs do Rio Grande do Sul, são de historiadores formados nas universidades gaúchas. Isto reflete a lenta aceitação do cinema como um novo objeto de estudo pelo campo da História. Entretanto, estes baixos índices não surpreendem se considerarmos como explicação o fato de o cinema gaúcho ter sido estigmatizado como um cinema regional pela historiografia clássica do cinema brasileiro. Enfim, pouco se escreveu sobre o cinema gaúcho.

Por se tratarem de PPGs também tradicionais, alguns Mestrados em História começaram as suas atividades nos anos de 1970/80, o estudo de cinema demorou mais de 20 anos para ser introduzido como objeto de estudo nas Faculdades de História do Rio Grande do Sul e os recentes trabalhos tem uma pequena representatividade. Assim como nas outras duas áreas mencionadas acima, as recentes pesquisas não equivalem a 1% da produção acadêmica em História no Estado durante o período estudado. Somente nos primeiros anos do século XXI é que teremos historiadores acadêmicos preocupados com a memória do cinema gaúcho. Antes a história desta cinematografia vinha sendo contada pelos seus próprios realizadores, por cronistas ou por críticos de cinema, sempre sobre uma perspectiva jornalística. Destaque para nomes como o de Tuio Becker, Antonio Jesus Pfeil, Antônio Carlos Textor, Anibal Damasceno Ferreira e etc.

Dos 10 estudos de cinema desenvolvidos de 1987 a 2008 nos PPGs em História do Rio Grande do Sul, a metade contribui diretamente para preenchermos algumas lacunas da história do cinema produzido no Rio Grande do Sul. Na verdade, os pesquisadores gaúchos que estudaram em São Paulo na ECA/USP foram os primeiros a se interessarem pela história desta cinematografia. Somente nos anos de 2000 é que irão aparecer os primeiros estudos históricos de cinema oriundos das universidades gaúchas. Sobre o período silencioso e o espetáculo cinematográfico em Porto Alegre até meados de 1940 foram produzidos quatro trabalhos: *Críticas ou Possibilidades? Os Múltiplos Olhares da Imprensa sobre o Cinema em Porto Alegre-RS (1896-1930)*, de Fábio Augusto

Steyer (2000); *Cinema em Porto Alegre (1939-1942): A construção da supremacia*, de Nilo Andre Piana de Castro (2002); *O Cinema em Porto Alegre (1910-1914): Uma Força Irresistível*, de Stefan Chamorro Bonow (2005). As três pesquisas são dissertações de Mestrado defendidas na PUCRS. A primeira e única tese de doutoramento na área de História, durante o período estudado, só veio a ser escrita em 2008. *Entre lanternas mágicas e cinematógrafos: as origens do espetáculo cinematográfico em Porto Alegre. 1861-1908*, tese de Alice Dubina Trusz teve a orientação da historiadora Sandra Jatahy Pesavento na UFRGS. Fora dos PPGs da capital gaúcha, a exceção foi *A Casa de Cinema de Porto Alegre: o cinema geracional*, dissertação de Francine Zanchet Grazziotin, sob a orientação de Luiz Carlos Tau Golin no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo (UPF). Baseado em entrevistas com os fundadores e os principais integrantes da Casa de Cinema de Porto Alegre este trabalho buscou demonstrar como se deu a criação e a consolidação de um centro produtor de cinema fora do eixo Rio-São Paulo.

Além de tardios, os estudos de História apresentados acima concentraram suas atenções no cinema enquanto espetáculo, dando poucas contribuições propriamente sobre o cinema produzido no Rio Grande do Sul. O que nos habilita afirmar que a única pesquisa que escapou a regra foi a tese de Doutorado em Comunicação do pesquisador Glênio Nicola Póvoas da PUCRS, defendida em 2005. Intitulada *Histórias do cinema gaúcho: propostas de indexação 1904-1954* é uma rara contribuição da universidade gaúcha a uma história do cinema do Rio Grande do Sul. Um alerta de que ainda há muito que se fazer por esta cinematografia.

O trabalho de Póvoas tem o seu mérito principalmente por explorar um período pouco conhecido até mesmo pela historiografia clássica do cinema brasileiro, a do cinema silencioso. Na verdade, as riquezas culturais, políticas e, porque não dizer, estéticas destes filmes ainda estão para ser descobertas pelos estudiosos do nosso cinema. Assumir isto é o primeiro caminho para atualizarmos toda uma produção do cinema brasileiro, pois ironicamente foi o cinema de não-ficção, nas suas variações (os filmes naturais ou de cavação, os cinejornais ou filmes atualidades e os documentários), o responsável por sustentar o cinema nacional por mais de cinco décadas, dando até subsídios para a produção de filmes de enredo neste período, como já apontado por Jean-Claude Bernardet¹⁰.

Por outro lado, é preciso recordar que foram em dois PPGs em História do Estado do Rio Grande do Sul que originaram na década de 1990 dois estudos que resolveram enfrentar o debate teórico-metodológico do campo Cinema-História, quando este era ainda muito incipiente

no próprio Brasil. Em 1988 a *Editora Contexto* lança *Cinema e História do Brasil* de Jean-Claude Bernardet e Alcides Freire Ramos; em 1992 a Paz e Terra publica o clássico *Cinema e História* de Marc Ferro e em 1995 o historiador Jorge Nóvoa lança o primeiro número da Revista *Olho da História* e apresenta o texto *Apologia da relação Cinema-História* como manifesto da Oficina Cinema-História que ele coordena desde então na UFBA. Neste contexto, as pesquisas de Claudia Damiani Meyer e Miriam Rossini, desenvolvidas nos PPGs em História da PUCRS e da UFRGS, respectivamente, devem ser interpretadas como marcos de uma abertura ainda gradual dos historiadores gaúchos para o cinema naquela década.

Considerações finais

Em um ensaio publicado em 03 de dezembro de 1972, no jornal *Correio do Povo*, o professor de cinema, roteirista e diretor Anibal Damasceno Ferreira já questionava a ausência de diálogo entre os intelectuais e os realizadores gaúchos. Por mais incipiente e caricata que fosse a cinematografia gaúcha da época, marcada por um personagem rural e tradicionalista, era preciso reconhecer que alguns filmes do Teixeira foram sucesso de bilheteria, defendia o professor. No entanto, segundo Ferreira, os próprios intelectuais gaúchos preferiam combater estes filmes de forma violenta na imprensa porto-alegrense.

Cenário que começou a ser alterado somente na década de 1990 com o trabalho de Miriam Rossini, *Teixeirinha e o cinema gaúcho*, como vimos. Levou mais de 20 anos para que surgissem as primeiras pesquisas acadêmicas sobre o cinema gaúcho, no entanto todas tiveram origem fora do Estado do Rio Grande do Sul, na Escola de Comunicação e Artes da USP. Assim, enquanto não se consolidavam os Programas de Pós-Graduação em Comunicação no Rio Grande do Sul, a saída encontrada foi buscar formação em São Paulo. Retornando ao Estado, estes pesquisadores auxiliam no amadurecimento dos Programas e estimulam o estudo de cinema entre jovens pesquisadores.

Entretanto, por mais que a partir dos anos de 2000 começou um tímido crescimento nos estudos de cinema no Rio Grande do Sul, no tocante à historiografia do cinema produzido no Estado o saldo ainda é devedor. Escreveu-se muito sobre a chegada do espetáculo cinematográfico em Porto Alegre e os seus desdobramentos para uma cultura cinematográfica nesta cidade e seus arredores. Temos conhecimento sobre três fases importantes do cinema gaúcho: o ciclo de Pelotas nos anos de 1910, as produções do Teixeira em 1960/70 e do movimento superoitista em 1980.

Mas o que se sabe sobre o cinema produzido no Rio Grande do Sul em outros períodos é quase nulo, nem mesmo a recente produção de filmes no Estado, a partir de 1995, mereceu algum estudo mais criterioso até o momento. E o que dizer do cinema no interior do Rio Grande do Sul? Um total desconhecido. Nada se sabe sobre a importância do cinema no cotidiano dos gaúchos que vivem nas pequenas cidades do Estado, nem mesmo se um filme ou outro foi realizado nestas cidades. Desafios que estão postos para os novos estudos de cinema no Rio Grande do Sul.

E, curiosamente, se nos perguntarmos quem são os historiadores do cinema produzido no Rio Grande do Sul, não seria errôneo respondermos o seguinte: são estudiosos de cinema e amantes do cinema gaúcho, mas que não possuem formação profissional de historiador, oriundos na sua maioria da área de Comunicação Social. ●

NOTAS

- ¹ Este artigo é resultado de estudos desenvolvidos para o do projeto de pesquisa “O Documentário Gaúcho Contemporâneo: Memória e Identidade (1995-2010)”, financiado pelo edital Universal MCT/CNPq Nº 14/2009 e pelo Programa de Bolsas de Iniciação Científica da UFSM-FIPE Júnior em 2009 e 2010.
- ² Francisco Luiz de Almeida Salles foi crítico de cinema e uma das principais personalidades da cena cultural paulista dos anos de 1970. Também contribuiu no projeto que originou o Museu da Imagem e do Som de São Paulo (MIS). Já Antonio Cândido de Mello e Souza é um dos principais expoentes da crítica literária brasileira e professor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
- ³ Escola de Cinema da Universidade Católica de Minas Gerais (atual PUC-MG), criada em 1962, em Belo Horizonte, disputa a primazia com o curso de cinema da Universidade de Brasília (UnB), de 1965. Nos poucos relatos sobre as escolas de cinema no Brasil, ela sequer é mencionada. Talvez esta preferência pelo curso na UnB esteja relacionada ao nome de Paulo Emílio Salles Gomes. Já a Escola de Cinema São Luiz é apontada por Luiz Felipe Miranda e Arthur Autran (2009) como o primeiro curso de cinema regular de nível universitário em São Paulo, criado na segunda metade dos anos de 1960.
- ⁴ Sobre a trajetória acadêmica e a vida de Paulo Emílio consultar Souza (2002) e Xavier (1994).
- ⁵ Para uma melhor compreensão desta historiografia universitária do cinema brasileiro produzida entre os anos de 1960/70 ver Autran (2007).
- ⁶ É preciso dizer que o Mestrado em Artes, que concentrava a área de Cinema, data de 1974, segundo Souza (2009).
- ⁷ O mais novo Mestrado em Comunicação Social no Rio Grande do Sul é o da UFSM, criado em 2006.
- ⁸ Além da Lei Rouanet e da Lei do Audiovisual, ambas federais, os produtores gaúchos podem recorrer à Lei de Incentivo à Cultura Estadual (Sistema LIC) e a um fundo municipal criado pela Prefeitura de Porto Alegre, o FUMPROARTE.

- ⁹ Trata-se de um concurso público bienal que seleciona três projetos de longa-metragem a serem financiados por meio de renúncia fiscal dos recursos aplicados pela empresa Rio Grande Energia (RGE).
- ¹⁰ Segundo o autor os historiadores do cinema brasileiro sempre escreveram histórias de filmes de ficção, cometendo um equívoco ao aplicar a realidade brasileira um modelo particular aos países industrializados em que o filme de enredo foi sem dúvida a base da produção cinematográfica. No caso do Brasil, “a realidade cinematográfica mais sólida era o natural, o cinejornal, a cavação” (Bernardet, 2009, p. 37-44).

REFERÊNCIAS

- ANDREW, J. Dudley. *As principais teorias do cinema: uma introdução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.
- AUTRAN, Arthur. Panorama da historiografia do cinema brasileiro. *Alceu*, Rio de Janeiro, PUC, v. 7, n. 14, p. 17-30, jan./jun. 2007.
- BERNARDET, Jean-Claude. Cavação. In: _____. *Cinema brasileiro: proposta para uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- FERREIRA, Anibal Damasceno. Os pêssegos de Saint-Hilaire (Ensainho sobre o cinema gaúcho). In: GUTFREIND, Cristiane; GERBASE, Carlos. *Cinema gaúcho: diversidade e inovações*. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 09-14.
- MIRANDA, Luiz Felipe; AUTRAN, Arthur. Glossário da Biografia. *Portal do Cinema Brasileiro* (Org. Eugênio Puppo). Disponível em: <http://www.heco.com.br/candeias/biografia/02_06.php>. Acesso em: 03 set. 2009.
- PERUZZO, Círcia M. Krohling. Em busca dos objetos de pesquisa em comunicação no Brasil. In: WEBER, Maria Helena; BENTZ, Ione; HOHLFELDT, Antonio (Org.). *Tensões e objetos da pesquisa em comunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- SILVA NETO, Antônio Leão. *Dicionário de filmes brasileiros: longa metragem*. São Bernardo do Campo, SP: Ed. do Autor, 2009.
- SIQUEIRA, Sérvulo. O primeiro doutor em cinema. *O GLOBO*, 10 set. 1977. Disponível em: <<http://www.guesaaudiovisual.com/palavras/EnsPesMemoria/PauloEmilio.html>>. Acesso em: 03 set. 2009.
- SOUZA, José Inácio de Melo. *Paulo Emílio no paraíso*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- _____. Um balanço sobre o cinema brasileiro na universidade. *Mnemocine*. Disponível em: <<http://www.mnemocine.com.br/bancodetes/cinebrasileironauniversidadehtm.htm>>. Acesso em: 03 set. 2009.
- XAVIER, Ismail. Paulo Emílio e o estudo do Cinema. *Estudos Avançados*, São Paulo, USP, v. 8, n. 22, p. 297-300, 1994.